



A Santa Sé

VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA FRANCISCO

AO PANAMÁ POR OCASIÃO

DA 34ª JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE

(23-28 DE JANEIRO DE 2019) LITURGIA PENITENCIAL COM OS JOVENS RECLUSOS HOMILIA DO SANTO PADRE Centro Correccional de Menores Las Garzas de Pacora (Panamá)

Sexta-feira, 25 de janeiro de 2019 [\[Multimídia\]](#)

«Este acolhe os pecadores e come com eles» (Lc 15, 2), acabamos de ouvir no Evangelho. Assim murmuravam alguns fariseus, escribas e doutores da lei, muito escandalizados e incomodados com o modo como Jesus Se comportava.

Pretendiam, com esta afirmação, denegri-Lo, desacreditá-Lo à vista de todos, mas tudo o que conseguiram fazer foi destacar um dos procedimentos de Jesus mais comuns, mais característicos, mais belos: «Este acolhe os pecadores e come com eles». E todos somos pecadores, todos; por isso Jesus acolhe, com carinho, a todos nós que estamos aqui; e se alguém, dentre todos nós que estamos aqui, não se sentir pecador, saiba que Jesus não o receberá, perderá o melhor.

Jesus não tem medo de Se aproximar daqueles que, por inúmeras razões, carregavam o peso do ódio social, como no caso dos publicanos – lembremo-nos que os publicanos se enriqueciam roubando o seu próprio povo, suscitando muita, mas muita indignação – ou carregavam o peso do ódio social porque cometeram alguns erros na sua vida, erros e enganos, qualquer culpa, e daí chamar-lhes pecadores. Jesus fá-lo porque sabe que, no Céu, há mais alegria por um só daqueles que erram, dos pecadores convertidos do que por noventa e nove justos que se sentem bem (cf. Lc 15, 7).

E enquanto estas pessoas se limitavam a murmurar ou a indignar-se porque Jesus Se encontrava com as pessoas assinaladas por algum erro social, por algum pecado, e fechavam as portas da conversão, do diálogo com Jesus, Este aproxima-Se, compromete-Se, Jesus coloca em risco a sua reputação e sempre convida a fixar um horizonte capaz de renovar a vida, de renovar a história. Todos, todos temos um horizonte. Todos. Alguém pode dizer: «Eu não o tenho». Abre a

janela e encontrá-lo-ás. Abre a janela do teu coração, abre a janela do amor que é Jesus, e encontrá-lo-ás. Todos temos um horizonte. São dois olhares muito diferentes, que se contrapõem: o de Jesus e o daqueles doutores da lei. Um olhar estéril e infecundo – o da murmuração e bisbilhotice – que fala sempre mal dos outros e sempre se sente justo, e o outro (que é o do Senhor) que convida à transformação e conversão, a uma vida nova, como tu [*dirigindo-se ao jovem que deu o testemunho*] disseste há pouco.

O olhar da murmuração e da bisbilhotice

Isto não valia só para aqueles tempos, vale também para hoje! Muitos não suportam nem gostam desta opção de Jesus; antes, manifestam o seu descontentamento, inicialmente por entre dentes mas no final aos gritos, procurando desacreditar este comportamento de Jesus e de quantos estão com Ele. Não aceitam, rejeitam esta opção de estar próximo e oferecer novas oportunidades. Tais pessoas condenam numa vez para sempre, desacreditam numa vez para sempre, esquecendo-se de que, aos olhos de Deus, elas próprias estão desacreditadas e precisam de ternura, precisam de amor e compreensão, mas não querem aceitar. Não o aceitam. Sobre a vida do povo, parece-lhes mais fácil colocar etiquetas e rótulos que congelam e estigmatizam não só o passado, mas também o presente e o futuro das pessoas. Colocam rótulos nas pessoas: este é assim, aquele fez isto e agora está feito e deve carregá-lo pelo resto dos seus dias. São assim as pessoas que murmuram, os bisbilhoteiros, são assim. Rótulos que, no fim de contas, nada mais fazem senão dividir: aqui os bons, além os maus; aqui os justos, além os pecadores. E isto, Jesus não o aceita. Esta é a cultura do adjetivo: gostamos tanto de «adjetivar» as pessoas; gostamos muito! «Tu, como te chamas?» - «Chamo-me bom» - «Não! Isto é um adjetivo. Como te chamas?» Temos de ir ao nome da pessoa: quem és, que fazes, que sonhos tens, que sente o teu coração... Isto, aos bisbilhoteiros, não interessa; procuram imediatamente um rótulo para se livrar dele. É a cultura do adjetivo que desacredita a pessoa. Estai atentos para não cair nesta atitude como tão facilmente nos convida a fazer a sociedade.

Este procedimento contamina tudo, porque levanta um muro invisível que faz pensar que marginalizando, separando e isolando resolver-se-ão, magicamente, todos os problemas. E, quando uma sociedade ou comunidade se decide por isso, limitando-se a criticar, bisbilhotar e murmurar, entra num círculo vicioso de divisões, censuras e condenações. É interessante observar: estas pessoas que não aceitam Jesus nem o que Ele nos ensina, são pessoas que estão sempre a lutar entre si, condenam-se mutuamente, entre aqueles que se chamam justos. Além disso, é uma atitude de marginalização e exclusão, de oposição que leva a dizer irresponsavelmente como Caifás: «Convém que morra um só homem pelo povo, e não pereça a nação inteira» (*Jo 11, 50*). É melhor que todos sejam guardados lá, que não nos venham incomodar; queremos viver em paz. Ouvir isto custa! Mas isto, teve que enfrentar Jesus, e isto enfrentamos também nós hoje. Normalmente, a corda quebra pelo ponto mais fraco: o dos pobres e dos indefesos.

Que pena faz ver uma sociedade que concentra as suas energias mais em murmurar e indignar-se do que em comprometer-se, empenhar-se por criar oportunidades e transformação!

O olhar da conversão: o outro olhar

Ao invés, todo o Evangelho está marcado pelo outro olhar que nasce precisamente do coração de Deus. Deus nunca te abandona. Deus não abandona ninguém. Deus convida-te: «Vem». Deus espera-te e abraça-te! E, se não conheceres a estrada, sai à tua procura, como fez o pastor com as ovelhas. O outro olhar, pelo contrário, rejeita. O Senhor quer fazer festa quando vê os seus filhos que regressam a casa (Lc 15, 11-32). Assim o testemunhou Jesus, levando até ao extremo a manifestação do amor misericordioso do Pai. Temos um Pai. Assim no-lo disseste tu. Gostei desta tua confissão: temos um Pai. Eu tenho um Pai que me ama. É estupendo! Um amor, o de Jesus, que não tem tempo para murmurar, mas procura romper o círculo da crítica inútil e indiferente, neutra e assética. «Dou-Te graças, Senhor – dizia aquele doutor da lei –, porque não sou como aquele». Não sou como aquele. Pensam ter purificado a alma dez vezes numa ilusão de vida assética que não serve para nada. Uma vez ouvi um agricultor dizer algo que me impressionou: «Qual é a água mais limpa? Sim, a água destilada – dizia ele. Sabe, Padre, que, quando a bebo, não sabe a nada». Assim é a vida daqueles que criticam, murmuram e se separam dos outros: sentem-se tão limpos, tão asséticos que não sabem a nada; são incapazes de convidar alguém, vivem para cuidar de si mesmos fazendo-se a cirurgia estética na alma e não para estender a mão aos outros e ajudá-los a crescer, como faz Jesus que aceita a complexidade da vida e de cada situação. O amor de Jesus, o amor de Deus, o amor de Deus Pai – como disseste tu – é um amor que inaugura uma dinâmica capaz de inventar caminhos e oferecer oportunidades de integração e transformação, oportunidades de cura, de perdão, de salvação. E comendo com publicanos e pecadores, Jesus quebra a lógica que separa, que exclui, que isola, que divide falsamente entre «bons e maus». E fá-lo, não por decreto ou só com boas intenções, nem com voluntarismos ou sentimentalismo. Como faz Jesus? *Criando vínculos*, vínculos capazes de permitir novos processos; apostando e fazendo festa em cada passo possível. Por isso Jesus, quando Mateus se converte – encontrais isso no Evangelho –, não lhe diz: «Combinado! Congratulações; vem comigo». Mas disse-lhe: «Vamos festejar em tua casa» e, para a festa, convida todos os seus amigos que eram, como Mateus, proscritos pela sociedade. O bisbilhoteiro, aquele que divide, não sabe fazer festa porque possui um coração amargo.

Criar vínculos, festejar é o que faz Jesus, E deste modo quebra com outra murmuração difícil de detetar, que «fura os sonhos» pois repete como sussurro contínuo: «Não conseguirás, não conseguirás». Quantas vezes já ouviste isto: «Não conseguirás». Atenção! Cuidado! Isso é como o caruncho que te róí dentro. Quando ouvires «não conseguirás», dá um tabefe em ti mesmo: «Sim que o conseguirei e to demonstrarei». É a murmuração interior, a bisbilhotice interior que brota em quem, tendo chorado o seu pecado e consciente do próprio erro, não crê que possa mudar. Isto acontece quando se está intimamente convencido que aquele que nasceu «publicano» tem que morrer «publicano»; e isto não é verdade! O Evangelho diz-nos o contrário.

Onze dos doze apóstolos eram pecadores graves, porque cometeram o pior dos pecados: abandonaram o seu Mestre, uns negaram-No, outros fugiram. Os apóstolos traíram e Jesus foi procurá-los um por um, e foram aqueles que mudaram o mundo. A nenhum veio a vontade de dizer: «Não conseguirei», porque, tendo visto o amor de Jesus depois da traição, exclama para Jesus: «Consequirei, porque Vós me dareis a força». Cuidado com o caruncho do «não conseguirás» É precisa muita atenção!

Amigos, cada um de nós é muito mais do que os rótulos que nos dão; é muito mais do que os adjetivos que nos querem atribuir, é muito mais do que a condenação que nos impuseram. Assim Jesus no-lo ensina e convida a acreditar. O olhar de Jesus desafia-nos a pedir e procurar ajuda para percorrer os caminhos da superação. Por vezes a murmuração parece vencer, mas não acrediteis, não lhe presteis ouvidos. Procurai e ouvi as vozes que impelem a olhar para diante e não aquelas que vos desencorajam. Ouvi as vozes que vos abrem a janela e fazem ver o horizonte. «Mas é longe!» - «Sim, mas conseguirás!» Fixa-o bem e conseguirás! Sempre que vier o caruncho com o «não conseguirás», retorqui-lhe intimamente: «Consequirei», e fixai o horizonte.

A alegria e a esperança do cristão – de todos nós, também do Papa – nasce de ter experimentado alguma vez este olhar de Deus que nos diz: *tu fazes parte da minha família e não posso abandonar-te às intempéries*. Isto é o que Deus diz a cada um de nós, porque Deus é Pai (foste tu que o disseste!): «Tu fazes parte da minha família e não te abandonarei às intempéries, não te deixarei caído por terra no caminho, não posso perder-te pelo caminho – diz Deus a cada um de nós, chamando-nos por nome e cognome – Eu estou contigo aqui». Aqui? Sim, aqui. Isto nasce de ter sentido – como partilhaste tu, Luís – que, naqueles momentos em que tudo parecia ter acabado, algo te disse: Não! Não está tudo acabado, porque tens uma finalidade grande que te permite entender que Deus Pai estava e está com todos nós e nos dá pessoas para caminhar connosco e ajudar-nos a alcançar novas metas.

E, assim, Jesus transforma a murmuração em festa e diz-nos: «Alegrai-vos comigo» (Lc 15, 6), vamos festejar». Uma vez encontrei uma tradução interessante da parábola do filho pródigo, pois dizia que o pai; quando viu que o filho regressava a casa, exclamou: «Vamos festejar» e ali começou a festa. Mas a tradução dizia: «E ali começou a dança». A alegria, a alegria com que somos acolhidos por Deus com o abraço do Pai. «Começou a dança».

Irmãos, vós fazeis parte da família, tendes muito para partilhar. Ajudai-nos a saber qual é a melhor maneira para viver e acompanhar o processo de transformação de que todos, como família, temos necessidade. Todos.

Uma sociedade adocece quando não é capaz de fazer festa pela transformação dos seus filhos, uma comunidade adocece quando vive a murmuração que esmaga e condena, sem sensibilidade. Uma sociedade é fecunda quando consegue gerar dinâmicas capazes de incluir e integrar,

assumir e lutar para criar oportunidades e alternativas que deem novas possibilidades aos seus filhos, quando se preocupa por criar futuro com comunidade, instrução e trabalho. E embora possa experimentar a impotência de não saber como, nem por isso se arrende, mas tenta de novo. Todos nos devemos ajudar para aprender, em comunidade, a encontrar estes caminhos, a tentar uma vez e outra. É uma aliança que temos de nos animar a realizar: vós, rapazes, meninas, os responsáveis pela custódia e as autoridades do Centro e do Ministério, todos, e as vossas famílias, bem como os agentes pastorais. Todos juntos, lutai sem cessar – não entre vós, por favor! Então por que coisa? – por procurar e encontrar caminhos de inserção e transformação. E isto, o Senhor o sustenta; isto, o Senhor o acompanha.

Em breve, continuaremos a Celebração Penitencial, na qual todos poderemos experimentar o olhar do Senhor, que nunca vê um adjetivo: vê um nome, fixa os olhos, olha o coração. Vê, não um rótulo ou uma condenação, mas filhos. Olhar de Deus que desmente as desqualificações e nos dá a força para criar as alianças necessárias que nos ajudem a desmentir as murmurações, aquelas alianças fraternas que permitam à nossa vida ser sempre um convite à alegria da salvação, à alegria de ter um horizonte aberto à nossa frente, a alegria da festa do filho. Caminhemos por este caminho. Obrigado!